

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS E SUA INFLUÊNCIA SOCIAL: análise do livro “A Língua de Eulália”, de Marcos Bagno

Dagmar Pereira da Silva¹

Sandra Diniz Costa²

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo na área de Sociolinguística, especificamente o preconceito linguístico e suas consequências na vida social. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em livros, revistas e *sites* da Internet que tratam do assunto. Os resultados mostram as consequências negativas que o preconceito linguístico pode ter na vida social, quando o falante se sente humilhado por não dominar a norma culta e não ver respeitado o seu dialeto no convívio com seus pares. Foi feita uma análise do livro “Preconceito Linguístico”, de Marcos Bagno.

Palavras-chave: Linguística. Sociolinguística. Variações dialetais. Livro “A Língua de Eulália”

Resumén

Este trabajo presenta un estudio en el área de Sociolingüística, específicamente el prejuicio lingüístico y sus consecuencias en la vida social. Es una investigación bibliográfica, en libros, revistas y sitios de Internet que tratan del asunto. Los resultados muestran las consecuencias negativas que el prejuicio lingüístico puede tener en la vida social cuando el hablante se siente humillado por no dominar la norma culta y no ver respetado su dialecto en la convivencia con sus pares. Se hecho una analice del libro “A língua de Eulália”, de Marcos Bagno

Palavras-chave: Lingüística. Sociolingüística. Variaciones dialectales. Libro “A Língua de Eulália”

Introdução

A Sociolinguística é um ramo da Linguística que, embora seja relativamente nova, tem sido alvo de intensas pesquisas que buscam entender o jogo social que as variações linguísticas constituem. A Sociolinguística parte do pressuposto de que não existe uma única língua falada

¹Graduanda em Letras pela Fundação Carmelitana Mário Palmério-Fucamp, em Monte Carmelo-MG. ✉dagmarpereiradasilva@hotmail.com

² Professora Me. de Língua Portuguesa e Linguística- orientadora ✉professorasandradiniz.ufu@gmail.com

em determinado território, mas que essa língua é o resultado da convivência de múltiplas normas, variações ou dialetos, determinados pelos diferentes grupos sociais que falam determinado idioma. Isso é o que Eugenio Coseriu denomina normas linguísticas; as linguagens dos diversos grupo raciais, sociais e situacionais que usam uma determinada língua.

A questão das variações linguísticas tem sido estudada por muitos pesquisadores, no sentido de auxiliar os indivíduos a usarem as diversas variações dialetais da língua, fazendo as adaptações necessárias aos diversos contextos de uso da linguagem. Assim, este estudo tem o objetivo de abordar a questão das variações linguísticas e fazer uma análise do livro “A língua de Eulália”, de Marcos Bagno. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em livros, revistas e *sites* da Internet que tratam do assunto.

De acordo com Bagno, o preconceito linguístico surge a partir da evidência das diferenças sociais, quando a língua é utilizada para deixar clara a distância entre classes sociais. Nesse sentido, esta pesquisa se justifica porque, ao tratar do preconceito linguístico, o livro demonstra que não há uma única maneira ou modo certo ou errado de se falar, embora, muitas vezes, o PNP (Português não padrão) não se encaixe na PP (Português Padrão).

Esse Português Padrão nada mais é que uma das normas linguísticas práticas na sociedade e que chegou a esse posto por motivos, econômicos, sociais e culturais. Os outros falares, considerados como não padrões, não podem ser considerados errados, mas, devido ao preconceito linguístico, quanto mais longe o sujeito estiver da norma padrão, menos ele será valorizado. Desse modo, aqueles que não tiveram ou não possuem acesso a essa norma padrão e trazem consigo uma rica bagagem de variações linguísticas, que possuem regras e lógicas coerentes, podem ver-se excluídos e serem vítimas de preconceito linguísticos.

Os autores pesquisados foram Marcos Bagno, Evanildo Bechara Maria Cecilia Mollica e Eni Orlandi, entre outros.

Este artigo se divide nas seguintes seções: após esta Introdução, a segunda seção apresenta as questões relativas à linguagem, língua, fala norma e variações, linguísticas. A terceira seção analisa o livro “A língua de Eulália”, de Marcos Bagno. Apresentam-se, em seguida, as considerações finais e as referências.

1 Linguagem, língua e fala

A comunicação ocorre por meio das mais variadas formas, portanto, o domínio da linguagem é fundamental em qualquer âmbito social, seja por sinais, códigos linguísticos, escrita e oralidade. Utilizamos a nossa língua, para transmitir informações, expressar nossos pensamentos e conviver com os demais indivíduos de nosso grupo social. Contudo, às vezes, nós nos confundimos, ao tentarmos entender a diferença e os conceitos, por isso é muito importante estudá-los para podermos compreender o funcionamento de cada um e sua contribuição para nossa comunicação diária.

Podemos conceituar como linguagem uma capacidade restrita aos seres humanos de expressar sentimentos, sensações, transmitir informações, opiniões ou mesmo expressar desejos, proporcionando a troca de dados entre pessoas de diferentes tradições e localidade. A linguagem, em si, define-se em dois tipos: a linguagem verbal, que se caracteriza de forma oral ou escrita, com a utilização de códigos que servem para facilitar a comunicação entre os homens; e a linguagem não verbal, que se define por símbolos ou sinais em forma de desenhos e figuras que servem como ponte para a comunicação sem o uso de palavras. Nesse caso, temos os usos da linguagem escrita e da linguagem de símbolos, ambas comuns ao nosso convívio e cotidiano, por isso é possível que reconheçamos informações por meio de placas de trânsito, por exemplo.

O significado de Linguagem é descrito como uma capacidade existente no homem, pela qual ele comunica seus sentimentos e ideias; é uma capacidade inata de comunicar por meio da língua e da escrita. No cotidiano, uma pessoa pode fazer uso de dois tipos de linguagem: a verbal e a não verbal. A diferença é que a linguagem verbal é caracterizada pelo uso da fala e da escrita, isto é, precisa-se da utilização do vocábulo – das palavras – para se comunicar. Já a linguagem não verbal aborda a comunicação em que não precisa se expor verbalmente o que se pretende dizer ou o que está pensando. Nesse caso, utilizam-se outros meios comunicativos.

Dentro da linguagem não verbal, pode-se destacar a linguagem corporal: quando o próprio corpo consegue transmitir mensagens e intenções por meio de certos movimentos. Nesse tipo, há a linguagem gestual: vê-se em pessoas com deficiência na fala ou na audição – será um sistema de gestos e movimentos instituídos e usados para a comunicação dessas determinadas pessoas. Exemplos de linguagem verbal são os diálogos, entrevistas, reportagens, cartas, textos narrativos, entre outros. Exemplos de linguagem não verbal são placas, gestos, imagens, desenhos, dança, figuras, símbolos, entre outros. O contexto social afeta diretamente

a linguagem, que poderá se separar em dois tipos: (a) linguagem formal: seu uso é feito em situações que requerem seriedade e também em momentos em que não há familiaridade entre as pessoas. Tem como aspectos a utilização da norma culta, uso de vocabulário rico e pronúncia clara e correta das palavras; (b) Linguagem informal: utilizada quando há familiaridade entre as pessoas ou em momentos de descontração. Tem como aspectos o uso de gírias, palavrões, a despreocupação ao uso de normas gramaticais.

A língua, por sua vez, consiste num conjunto específico de códigos e palavras diversas, usados por meios de regras e leis de combinação que, na verdade, é o que permite que a mensagem seja transmitida de maneira compreensível. É muito provável que a mensagem não seja compreendida totalmente, caso seja codificada de forma incomum às regras previamente estabelecidas. É como escrever uma frase em que as palavras estão fora de ordem e esperar que a outra pessoa entenda exatamente o que se quis dizer.

Podemos citar como exemplo básico de língua os diversos tipos de línguas faladas ao redor do mundo, como a língua francesa, a japonesa, inglesa, chinesa e assim por diante.

Para Saussure (1970), a língua não é nada mais que um sistema de valores puros. Descartando toda possibilidade de que a língua pudesse ser uma descrição do mundo, o linguista apresenta sua teoria, enfocando a língua como um fato social, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema por meio da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder.

Saussure (1986) denomina língua (*langue*) ao sistema linguístico empregado por uma determinada comunidade para a comunicação entre seus membros. Os membros dessa comunidade conhecem as regras e os elementos que formam o sistema anteriormente mencionado e, mediante estes recursos finitos que possuem, é possível criar uma vastíssima (por não dizer infinita) quantidade de mensagens.

Uma determinada língua é um fenômeno em constante evolução que pode ser descrito desde vários pontos de vista. Um é aquele onde desembocam as gramáticas, que partem das regras que conformam dessa língua tomadas em um instante determinado; assim, por exemplo, é possível fazer uma descrição do Português tal qual se conhece na atualidade. A outra perspectiva de estudo é a que toma em conta a evolução histórica, isto é, como os elementos e regras de um determinado idioma variam com o tempo; nesse tema cabe destacar que uma determinada língua é um fenômeno em constante mutação.

Já a fala (*parole*) é individual, sendo a forma pela qual um indivíduo se comunica de maneira oral, fazendo uso da linguagem verbal. É bastante comum que ela seja afetada por costumes locais, vícios de linguagem relacionados ao ambiente que a pessoa frequenta e as pessoas ao seu redor, ao tipo de linguagem que elas usam para se comunicar. Nossa fala passa por um processo de construção ao longo da nossa vida e nela colocamos aspectos do nosso pessoal e de nossas experiências, por isso, a fala pode ser diferente de um indivíduo a outro. É a utilização oral da língua pelo indivíduo. É um ato individual, pois cada indivíduo, para a manifestação da fala, pode escolher os elementos da língua que lhe convém, conforme seu gosto e sua necessidade, de acordo com a situação, o contexto, sua personalidade, o ambiente sociocultural em que vive, etc.

Desse modo, dentro da unidade da língua, há uma grande diversificação nos mais variados níveis da fala. Cada indivíduo, além de conhecer o que fala, conhece também o que os outros falam; é por isso que somos capazes de dialogar com pessoas dos mais variados graus de cultura, embora nem sempre a linguagem delas seja exatamente como a nossa.

Devido ao caráter individual da fala, é possível observar alguns níveis: Nível coloquial-popular: é a fala que a maioria das pessoas utiliza no seu dia a dia, principalmente em situações informais. Esse nível da fala é mais espontâneo, ao utilizá-lo, não nos preocupamos em saber se falamos de acordo ou não com as regras formais estabelecidas pela língua.

Nível formal-culto: é o nível da fala normalmente utilizado pelas pessoas em situações formais. Caracteriza-se por um cuidado maior com o vocabulário e pela obediência às regras gramaticais estabelecidas. Portanto a língua nada, mas é que um idioma oficial de um País que tem sua estrutura sua gramática e sua história ou seja a língua oficial daquele País assim como o Português. A fala é a maneira pela qual cada uma utiliza a língua para se comunicar, que varia muito entre classes sociais regiões em que a pessoa vive se ela pertence a uma grupo ou uma tribo

2 A língua de Eulália, uma novela sociolinguística

O livro “a língua de Eulália” trata de um assunto muito conhecido porém muitas das vezes passa por despercebido para a maioria da população já o professor Marcos Bagno trata do tema de maneira abrangente de forma que todos os leitores consiga um bom entendimento.

Para ele, o preconceito linguístico deve ser reconhecido, denunciado e combatido, pois é uma das formas mais utilizadas para exclusão social. Marcos Bagno tem-se destacado no meio da sociolinguística por meio de algumas obras suas relacionadas ao preconceito linguístico, e recebendo apoio de todos aqueles que desejam uma sociedade verdadeiramente democrática governada pelo respeito as diferenças e pelo acesso aos bens culturais de prestígio para toda a sociedade.

2.1 Biografia do autor

É professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, doutor em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo, tradutor, escritor com diversos prêmios e mais de 30 títulos publicados, entre literatura e obras técnico-didáticas. Atua mais especificamente na área de sociolinguística e literatura infanto-juvenil, bem como questões pedagógicas sobre o ensino de Português no Brasil. Em 2012 sua obra *As memórias de Eugênia* recebeu o Prêmio Jabuti.

2.2 Obras (Lista incompleta)

- ✓ A invenção das horas (contos) (1988)
- ✓ O papel roxo da maçã (infantil) (1989)
- ✓ Rua da Soledade (contos) (1995)
- ✓ **A Língua de Eulália (novela sociolinguística) (1997)**
- ✓ Pesquisa na escola: o que é, como se faz (1998)
- ✓ Preconceito linguístico: o que é, como se faz (1999)
- ✓ Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social (2000)
- ✓ Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa (2001)
- ✓ Norma linguística (org.) (2001)
- ✓ Linguística da norma (org.) (2002)
- ✓ Língua materna: letramento, variação & ensino (org.) (2002)
- ✓ O espelho dos nomes (infantil) (2002)
- ✓ A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira (2003)
- ✓ Murucututu, a coruja grande da noite (infantil) (2005)
- ✓ Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística (2007)
- ✓ Não é errado falar assim! Em defesa do Português brasileiro (2009)
- ✓ As caraminholas de Barrigapé (infantil) (2009)
- ✓ Vaganau (poesia) (2010)

- ✓ Gramática: passado, presente e futuro (2010)
- ✓ Gramática, pra que te quero? Os conhecimentos linguísticos nos livros didáticos de Português (2011)
- ✓ Festa no meu jardim (infantil) (2011)
- ✓ O tempo escapou do relógio (infantil) (2011)
- ✓ As memórias de Eugênia (romance) (2011)
- ✓ Gramática pedagógica do Português brasileiro (2012)
- ✓ Conversa de gatos (infantil) (2012)
- ✓ Gramática de bolso do Português brasileiro (2013)
- ✓ Sete erros aos quatro ventos: a variação no ensino de Português (2013)
- ✓ Marcéu (infantil) (2013)
- ✓

2.3 O livro

O livro conta a história de três amigas que vão passar suas férias na casa de Dona Irene, em Atibaia, no interior de São Paulo. A obra tem como objetivo demonstrar o preconceito linguístico e como combatê-lo. No início da história, as três estudantes acham graça da maneira que Eulália, uma funcionária de Dona Irene, fala. Assim, sem perceberem, cometem o preconceito linguístico. Preconceito este que muitos apresentam, devido à falta de conhecimento sobre a origem da nossa língua portuguesa materna. O autor Marcos Bangu apresenta nesta obra, por meio de personagens fictícios que interagem entre si, tornando a leitura mas leve interessante e descontraída, as ideias difundidas pela Sociolinguística. Tia Irene, professora aposentada que agora se dedica a projetos de alfabetização, além de escrever livros na área da linguística também escreve artigos para revistas. Vera, estudante de letras sobrinha de D:Irene, juntamente com suas amigas Silvia e Emília, decide passar suas férias no sitio de D:Irene. Silvia é estudante de Psicologia amiga de Vera. Emília, estudante de Pedagogia e também amiga de Vera.

O autor deixa bem claro que a escolha do nome “Emilia” é uma homenagem à personagem de mesmo nome do grande autor Monteiro Lobato. Eulália, amiga e ajudante de D: Irene ,mora no sitio junto com a professora. Eulália é uma pessoa simples de poucos estudos, e justamente pela sua maneira simples de falar que provoca uma atenção nas meninas que começaram a rir de Eulália.

D: Irene observando tudo explica para elas sobre as variedades da Língua Portuguesa, classificadas como Português não padrão (PNP), da qual Eulália faz uso e do Português Padrão

(PP) no qual elas utilizam na maioria das vezes. Interessante notar que o nome Eulália é formado de dois radicais gregos: *eu-*, que significa “bom” e *-lalia*, “linguagem”. Assim, ironicamente, Eulála significa “a boa linguagem”. Certamente não foi por acaso que o autor escolheu esse nome para a personagem-chave do livro.

Irene começa a explicar que essa maneira coloquial que Eulália utiliza para falar, por exemplo: *probrema ``os fosfros`` procura os home*, entre outras. E devido às variedades da Língua Portuguesa, Irene começa a mostrar às meninas que cada cultura tem seu jeito próprio de falar, modos herdados dos antepassados, ou até mesma dificuldade na língua (órgão) ao pronunciar tais palavras, mais poderia ser histórica, sociológica e até psicológica.

Certas palavras que julgamos erradas, para alguns gramáticos, têm sua origem em outras línguas, como o latim e. no caso da região nordeste do Brasil, a influência dos franceses e dos holandeses que tentaram colonizar no século XVI. PNP utiliza apenas a primeira palavra como plural. Existe um sistema diferente de formação de plurais, não que as outras estruturas estejam erradas. A modificação que o plural provoca na frase leva a uma repetição, uma redundância o que é desnecessária;

Cheguei na beira do porto
 Onde as ondas se espaia
 As garça dá meia volta E senta na beira da praia
 E o cuitelinho não gosta
 Que o botão de rosa caia, ai, ai, ai!
 Aí quando eu vim de minha terra
 Despedi da parentaia Eu entrei no Mato Grosso
 Dei em terras paraguaia Lá tinha revolução Enfrentei fortes bataia, ai, ai, ai
 A tua saudade corta
 Como aço de navaia
 O coração fica aflito
 Bate uma, a outra faia
 Os óio se enche d`água
 Que até a vista se atrapaia, ai, ai, ai (Paulo Vanzolini)

Essa belíssima canção explora o falar sertanejo de forma poética e lírica, mostrando a beleza do falar caipira, tão estigmatizado em nossa sociedade.

O som do LH não existe na linguagem do PNP, ele é substituído pelo I, mas essa troca não está errada pois a pronúncia do francês e do Português padrão dão origem ao do Brasil em algumas palavras na época da colonização.

Os tempos verbais tradicionais não correspondem à estrutura da língua falada. A gramática estudada nas escolas apresenta diferença em relação à forma pela qual é falada no

Brasil. É cobrada dos alunos a “decoreba” dos tempos e modos verbais, mas não é explicada a sua real utilização. Deve-se promover conteúdos interessantes baseados em leituras e assuntos com metodologias interativas.

No estudo geográfico, pode-se notar a interferência que ocorreu devido ao deslocamento necessário que houve entre países e regiões. Esse deslocamento fez com que os homens, de modo geral, saíssem de suas regiões ou países maternos em busca de uma melhoria de vida. Logo a língua falada em uma determinada região sofria influência da língua que estava se alojando neste ambiente desconhecido até então, pode-se dizer que houve uma fusão linguística em vários dialetos e línguas, o que originou outras formas de interação e novas identidades.

Essa linguagem não-padrão pode acarretar, no futuro, um adulto analfabeto e marginalizado, que tem como língua falada o dialeto da família. Na Educação de Jovens e Adultos, nota-se que os alunos permanecem com a sua língua materna, não fazendo associações, pois como não tiveram a oportunidade de estudar na idade adequada, ao chegar à sala de aula têm uma grande dificuldade de assimilar a língua padrão, logo o objetivo da educação de jovens e adultos é realmente alfabetizá-los e aos poucos ir orientando para a formulação de um vocabulário mais culto. Mas, se, esse trabalho seria em vão, pois o adulto está inserido numa sociedade, numa classe social em que a linguagem é um Português- não-padrão então a sua língua coloquial sempre prevalecerá como forma de comunicação.

De forma em que a leitura vai prosseguindo neste livro, podemos deparar-nos com algo inusitado, pelo motivo de termos aprendido somente aquele ccccccccccccc Portuguese padrão que para os acadêmicos e o único e correto sem nos darmos conta que o Português falado na maioria das vezes pela classe social menos prestigiada os: PNP Português não padrão e portanto a língua portuguesa (com suas variações) ou até mesmo um modo de falar regionalizado. Dessa forma D: Irene explica para elas sobre o mito da língua única as variações da língua o Português de Portugal diferenças fonéticas sintáticas etc. Portanto, o mito de que a língua é homogênea deve ser quebrado, afinal não são todos os que têm acesso à norma culta e os que chegam até ela se deparam com algo desconhecido, pois é ensinado para o aluno como algo desconhecido por ele gerando muitas das vezes preconceito. A professora Irene afirma que existe, sim, um Português padrão (PP) que é usado para as leituras e gramáticas, e um Português não padrão (PNP) que é falado pela maioria da população pobres e analfabetas. O PNP é vítima dos preconceitos que pesam sobre essas pessoas de classes sociais marginalizadas que se destacam no nosso País.

O que chamamos de Português não é um bloco compacto, sólido e, sim, um conjunto de coisas chamadas de variedades no livro. Irene explica comparando o modo de falar o Português com o modo de falar do brasileiro e suas diferenças fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas e no uso da língua. Há também diferença entre o português falado no Centro-Sul e o falado no Nordeste, as variedades geográficas, de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbana, rurais, religiosas etc.

Primeiro no Brasil não se fala uma só língua. Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos etc. (BAGNO,1997, p.18.

Segundo Irene, o PNP deve ser considerado como aquilo que ele é realmente e uma língua bem organizada coerente e funcional a professora diz que na tentativa diária da aceitação das diferenças devemos incluir uma língua diferente da nossa tendo a compreensão e ser mais abertos para assim podermos ver o que os falantes do PNP tem a nos ensinar sobre a nossa própria origem, pois, do mesmo modo que o latim se transformou lentamente nas diversas línguas românicas hoje existentes, também cada uma delas continua transformando-se.

Irene afirma que a diferença do Português padrão para o Português não padrão e que e

Por fim Irene explica que há muito mais semelhanças do que diferenças entre as variedades porem as pessoas escolarizadas não aceita as diferenças linguísticas mas, sim, há diferenças sociais, daí o preconceito linguístico. Os preconceitos citados nesse livro, como por exemplo: racial, religioso, sexual e etc. também são ligadas ao uso da fala. Porém podemos ver a sociolinguística ser tratada de forma séria, e ao mesmo tempo divertida. Ao deparar-se com de pessoas que não tenham contato com essas variações, elas podem causar ou produzir uma situação, seja tanto de valorização como de discriminação, em termos de convivência social e pessoal, por causa do preconceito linguístico.

Considerações finais

Baseados nos conceitos de Bagno, por meio de sua novela sociolinguística, faz-se necessário apontar a importância de um ensino crítico da língua que faça com que a variedade PNP não seja mais estigmatizada, mas entendida, mudando, pois a realidade de uma língua e o seu modo de ser vista e usada por um povo.

O livro a língua de Eulália tem como objetivo proporcionar uma reflexão ao uso da língua padrão e não padrão, podemos perceber a grande diversidade linguística existente, a partir dos contextos sociais, costumes, cultura e hábitos. É um livro indicado para estudantes de Letras e de Pedagogia e, principalmente, para professores, pois o mito do certo e do errado deve ser quebrado. É preciso, principalmente, além de respeitar, compreender que a língua falada muitas vezes não é idêntica à língua escrita, e que o grande problema está na situação social em que se encontra o Brasil, de injustiças, exclusões e desigualdades. O problema é político e só as mudanças sociais e das nossas consciências podem resolver ou amenizar.

Referências

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14.724, de 17.03.2011.** Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Válida a partir de 17.04.2011. Rio de Janeiro, 2011.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

_____ **A língua de Eulália.** São Paulo: Contexto, 2016.

_____ **O preconceito linguístico.** O que é e como se faz. São Paulo: Loyola, 2016.

BECHARA, Evanildo. **Ensino de gramática: opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 1985

CAMACHO, Roberto R. In: CASTILHO, Ataliba T., GNERRE, M. e CAMACHO, Roberto R. Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 2º Grau. **Varição Linguística e ensino de língua materna.** São Paulo:SE/CENP/UNICAMP, 1978, vol.IV, pp. 32-43

COMPLEMENTAR:

COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral.** Rio de Janeiro: Presença 1979.

COSTA, Sandra Diniz. **Linguística aplicada ao ensino de línguas** Monte Carmelo: Fucamp, 2016.

KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1993.

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1970

SOARES, M.B. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** São Paulo: Ática, 1986.

